

MARCAS DAS VOZES EM
RESENHAS CIENTÍFICAS E
EM RESENHAS
LITERÁRIAS

*Marks of voices in scientific
texts reviews and literary
texts review*

Siderlene MUNIZ-OLIVEIRA¹
Doutoranda LAEL/PUC-SP

Resumo: Neste artigo, temos como objetivo analisar algumas marcas das vozes em resenhas de textos científicos e em resenhas de textos literários. Ao identificar essas marcas nessas resenhas, pretendemos oferecer subsídios para os professores preocupados com o ensino de produção de resenhas e para autores de material didático no que se refere a procedimentos de inserção de vozes.

Palavras-chaves: Vozes, heterogeneidade mostrada, resenhas, produção de textos.

Abstract: This paper aims to analyze some marks of voices in scientific texts reviews and literary texts reviews. Identifying these voices in these reviews, we aim to offer subsidy for the teacher worried with reviews production teaching and for didactic material authors referring to procedure of insertion voices.

Key Words: Voices, marked heterogeneity, reviews, texts production.

¹ Bolsista CAPES. Mestre em Linguística Aplicada e Estudos da Linguagem pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (LAEL/PUC-SP). Doutoranda em Linguística Aplicada e Estudos da Linguagem na mesma instituição, sob orientação da Prof.^a Dr.^a Anna Rachel Machado. Integrante do Grupo ALTER (Análise de Linguagem e Trabalho Educacional). Mais informações sobre esse grupo podem ser encontradas em <<http://lael.pusp.br/alter>>, *homepage* do grupo, ou em <<http://dgp.cnpq.br/buscaoperacional/detalhegrupo.jsp?grupo=0071801UNZ1IKM>>, página correspondente na *Plataforma Lattes*. Acesso a ambas em: 11 abr. 2009. E-mail: sidmuniz@terra.com.br.

0. Introdução

Diversos pesquisadores vêm revelando a dificuldade dos alunos de graduação na produção de textos acadêmicos (MACHADO, 2004; MACHADO *et. al.*, 2004; SILVA e MATA, 2002; MATÊNCIO, 2002; MOTTA-ROTH, 2003). Com o intuito justamente de auxiliar graduandos a produzir textos pertencentes a gêneros da esfera escolar/acadêmica, Machado *et. al.* (2004) iniciaram a coleção *Leitura e produção de textos técnicos e acadêmicos*, que até o momento conta com volumes dedicados a *resumos*, *resenhas*, *planejamento de trabalhos acadêmicos* e *diários de leitura para revisão bibliográfica*². As autoras, no volume dedicado ao gênero *resenha*, apresentam propostas que visam desenvolver habilidades que auxiliem graduandos em relação às dificuldades que revelam ao produzir esse gênero de texto e relatar o discurso do outro. Aliás, inserir outras vozes no texto ao relatar o discurso do outro ao redigir textos pertencentes a diferentes gêneros acadêmicos como resumos, resenhas, projetos de pesquisa, artigos, dissertações e teses, segundo Muniz-Oliveira (2004), é uma das maiores dificuldades tanto de graduandos quanto de pós-graduandos.

Considerando essa problemática, o objetivo mais amplo deste artigo é contribuir não só com pesquisas preocupadas com a elaboração de atividades didáticas de resenhas, mas também com o trabalho do professor preocupado com o ensino desse gênero. Partimos de uma abordagem que considera o *gênero de texto* como objeto de ensino (DOLZ, PASQUIER e BRONCKART, 1993; DOLZ e SCHNEUWLY, 1996), sendo necessário o levantamento das características do gênero escolhido tanto para o ensino quanto para a elaboração de materiais didáticos.

Como objetivo específico, temos o de levantar as características de inserção do discurso de outros em resenhas, no que se refere às marcas usadas para incluir outras

² Ver página da coleção na editora, disponível em <<http://www.parabolaeditorial.com.br/>>.

vozes. Com base em Muniz-Oliveira (2006: 276), podemos conceituar a resenha como “uma ação de linguagem materializada em um texto escrito produzido por um especialista da área [...] tendo como destinatários pesquisadores iniciantes e experientes”. Partindo da classificação de Genette (1981), consideramos a resenha um *metatexto*, ou seja, um texto que tem como função comentar outro texto. Assim, partimos da premissa de que o resenhador utiliza diversas estratégias para inserir a voz do autor resenhado ao comentar um determinado texto.

Podemos encontrar diferentes tipos de resenhas, produzidas em diversas situações de produção, como, por exemplo, resenhas de textos científicos em periódicos acadêmicos, de textos literários em revistas de cultura, de filmes ou de espetáculos em revistas de interesse geral, que podem ser publicadas em revistas acadêmicas, jornalísticas e, com a expansão da internet, em diversos *sites*. Este estudo centrar-se-á em resenhas de textos científicos e em resenhas de textos literários.

Na primeira seção, abordaremos teoricamente a questão das marcas das vozes no discurso; na segunda, apresentaremos os procedimentos metodológicos utilizados nesta investigação; na terceira, discutiremos os resultados da análise, para, finalmente, passarmos às considerações finais.

1. Algumas formas de citar o discurso do outro

De acordo com uma concepção dialógica de linguagem, encontramos em uma enunciação as vozes dos diferentes papéis desempenhados pelos participantes em um discurso. Assim, o discurso é constituído por várias vozes que se cruzam, em complementação ou em contradição (BAKHTIN, 1979/2000).

Considerando que o discurso seja constituído por diferentes vozes, a presença do outro pode estar marcada linguisticamente por meio de formas gramaticais ou pode ser identificável a partir do próprio enunciado. Vários são os autores que se dedicaram a identificar e a categorizar as marcas das vozes no discurso em geral

(MAINGUENEAU, 1987/1997, 1998/2001; AUTHIER-REVUZ, 1982/2001). Dentre eles, AUTHIER-REVUZ (1982/2001) figura como uma das mais importantes, dado que desenvolveu os conceitos de *heterogeneidade constitutiva* e *heterogeneidade mostrada* como características do discurso.

Para a autora, a *heterogeneidade constitutiva* não produz marcas que evidenciam a presença do outro na produção do discurso, porém deixa entrever os diversos discursos que lhe deram origem e que representam os diferentes grupos sociais em que circulam. A heterogeneidade constitutiva é, para a autora, portanto, o princípio que fundamenta a própria natureza da linguagem. Por sua vez, a *heterogeneidade mostrada*, oriunda de diversas fontes enunciativas, torna-se evidente por meio das formas de discurso direto, discurso indireto, discurso indireto livre, de conotação autonímica, de ironia, de imitação etc.

Vamos nos voltar aqui para algumas dessas marcas que revelam a *heterogeneidade mostrada*, como *discurso direto*, *discurso indireto*, *modalização em discurso segundo*, *formas híbridas* e *aspas* com fundamentação em Maingueneau (1998/2001), como segue.

O *discurso direto* simula restituir as falas citadas, dissociando duas situações de enunciação: a do discurso citante e a do discurso citado. Ao utilizar o discurso direto (doravante DD), o autor procura criar autenticidade, indicando que as palavras relatadas são aquelas realmente proferidas, e distanciar-se do dito, ou porque o enunciador citante não adere ao que é dito e não quer misturar esse dito ao que ele efetivamente assume; ou porque o enunciador adere respeitosamente ao dito, querendo utilizar um citação de autoridade. Por exemplo:

Bronckart (1999, p.45) esclarece: “ a ação humana se apresenta, do ponto de vista externo, como um recorte da atividade social operado pelas avaliações coletivas e, do ponto de vista interno, como o produto da apropriação, pelo organismo transformado em agente dos critérios dessa avaliação”.

A citação em DD apresenta-se como a reprodução exata das palavras do enunciador citado, estando ligado ao gênero (de texto ou de discurso³). Porém, segundo Maingueneau (1998/2001), mesmo que o DD relate falas consideradas como realmente proferidas, trata-se apenas de uma encenação, visando criar um efeito de autenticidade, pois, como a situação de enunciação é reconstruída pelo sujeito que a relata, é essa descrição necessariamente subjetiva que condiciona a interpretação do discurso citado. Assim, o DD, de fato, não é objetivo: por mais fiel que seja, o DD é apenas um fragmento de texto submetido ao enunciador do discurso citante, que dispõe de múltiplos meios para lhe dar um enfoque pessoal.

Já no *discurso indireto* (doravante DI), há apenas uma situação de enunciação, sendo que é o sentido do verbo introdutor que insere o discurso do outro. Entretanto, sua função não se limita a isso, pois há diferentes verbos usados para introduzir o discurso do outro, com sentidos diversos, desde os mais neutros até os que evidenciam uma avaliação do discurso citado. Por exemplo:

A autora **afirma** que são múltiplos os fenômenos dependentes da heterogeneidade mostrada.

O autor **critica** o uso dos termos *atividade* e *ação* sem conceituá-los.

Para Authier-Revuz (2001), não se pode considerar a estrutura sintática do DI como limitada apenas à clássica subordinação *verbo dicendi* + *que* (“João disse que”). A autora relaciona outras estruturas sintáticas para o DI, como a subordinação no infinitivo (“João pediu para vir”), a oração que tem como complemento um nome (“João ordenou a partida”) e, até mesmo, o uso de outros tipos de verbos, que, sozinhos, mostram outra enunciação (“João felicitou-a”).

Em relação à *modalização em discurso segundo*, Maingueneau (1998/2001) explicita que, nesse caso, o enunciador indica que não é o responsável por um

³ Maingueneau (1997) utiliza o termo *gênero de discurso* e Dolz e Schneuwly (1996) utilizam o termo *gênero de texto*, cada um com suas especificidades.

enunciado e que está se apoiando em outro discurso a partir de elementos como *segundo X, segundo dizem, de acordo com X, para X*. Por exemplo:

Para Bronckart (1999), todo texto resulta de um ato realizado em um contexto físico que pode ser definido por quatro parâmetros: lugar de produção, momento de produção, emissor e receptor.

Outra maneira de se fazer remissão ao discurso do outro, segundo Maingueneau (1998/2001), é usar as formas híbridas, que se dividem em *ilha textual* e *discurso direto com que*.

A forma híbrida denominada *ilha textual* é a indicada pelas aspas e pelo itálico, conjunta ou separadamente: “mesmo tratando-se globalmente de discurso indireto, este contém algumas palavras atribuídas aos enunciadores citados” (MAINGUENEAU, 1998/2001: 151). Por exemplo:

Muniz-Oliveira (2006) afirma que é necessário esclarecer para os alunos qual é o objeto de ensino queremos enfatizar, sendo necessária, desse modo, “*a compreensão de determinado gênero; no caso específico, o gênero resenha acadêmica*” (p. 279).

O chamado *discurso direto com que*, igualmente uma forma híbrida, é o utilizado após introdutores do discurso indireto: verbo + que. Por exemplo:

Preso a uma onda de lembranças que ressurgiu, este último conta que o momento “era muito duro de suportar. Eu não tinha mais reflexo. Tinha me tornado expectador”. (*France-Soir*, 19 mar. 1997 *apud* MAINGUENEAU, 1998/2001: 157).

Parece que esse tipo de *discurso direto com que* revela que o autor procura manter uma certa distância em relação a outras vozes, mas, ao mesmo tempo, tenta usar um discurso de autoridade, pretendendo restituir o ponto de vista e as palavras originais.

Uma outra forma de inserir a voz do outro em um texto é colocando aspas, que indicam uma espécie de lacuna, de vazio a ser interpretado, podendo, portanto, adquirir significações muito variadas. Para interpretar a razão do emprego das aspas, é necessário levar em conta o contexto e o gênero (de texto ou de discurso). Maingueneau explica (1998/2001: 163): “O enunciador que faz uso das aspas, conscientemente ou não, deve construir para si uma determinada representação dos seus leitores, para antecipar sua capacidade de interpretação: ele colocará aspas onde presume que é isso o que se espera dele”. Observemos o exemplo a seguir, que Maingueneau (1998/2001: 161) retirou do jornal *Le Courrier Picard*, de 28 de fevereiro de 1994:

2 O proxeneta recrutava jovens que fugiam de casa

[...] Esses jovens, que nem sempre percebem, no início, o que o homem espera deles, seguem-no, sem hesitar, até um hotel barato do 10º distrito, onde ele avalia a “mercadoria” [...].

Segundo Maingueneau (1998/2001: 161), “o enunciador está sem dúvida usando ‘mercadoria’ entre aspas porque essa palavra não é adequada para designar seres humanos ou porque a responsabilidade de seu emprego está sendo atribuída ao proxeneta: duas interpretações perfeitamente compatíveis.”

São essas as marcas da heterogeneidade mostrada que iremos analisar nas resenhas selecionadas como *corpus* desta pesquisa. A seguir, apresentaremos os procedimentos metodológicos.

2. Procedimentos metodológicos

Selecionamos 3 resenhas de textos científicos que foram publicadas na revista DELTA⁴, que publica estudos linguísticos de caráter teórico ou aplicado, e 4 resenhas de textos literários⁵, disponíveis no *site* da Faculdade de Educação da Universidade Federal de Minas Gerais (FE-UFMG) criado em 1990, visando integrar grupos interinstitucionais voltados para a área a alfabetização e do ensino de português⁶. Em relação às resenhas científicas da DELTA, selecionamos resenhas atuais (publicadas entre 2006 e 2007) e, em relação às do *site* da FE da UFMG, como observamos que as resenhas são produzidas tanto por alunos do curso de Letras quanto por pesquisadores, preferimos escolher resenhas desses últimos por se tratar de especialistas⁷.

Identificamos as marcas, discutidas anteriormente, que revelam outras vozes que não a dos resenhadores, nas resenhas.

3. Resultados das análises

Observamos, nas resenhas analisadas, que os autores utilizam diferentes estratégias para marcar outras vozes, como discurso direto, discurso indireto, modalização em discurso segundo e *aspas*. A seguir, discutiremos, primeiramente, as estratégias utilizadas nas resenhas científicas.

3.1 *Marcas da voz do outro em resenhas científicas*

Nas resenhas científicas, observamos que o resenhador usa os seguintes procedimentos para relatar a voz do outro:

⁴Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_issues&pid=0102-4450&lng=en&nrm=iso>. Acesso em: 11 abr. 2009.

⁵ O *corpus* inicial era composto também de três resenhas literárias, mas, pela extensão de cada uma, optamos por incluir mais uma para termos mais dados para a análise.

⁶ Disponível em: <<http://www.ufmg.br/online/arquivos/004934.shtml>> Acesso em: 20 abr. 2007.

⁷ Os endereços e referências das resenhas analisadas encontram-se ao final do artigo, sob as rubricas *Resenhas científicas analisadas* e *Resenhas literárias analisadas*.

1. Modalização de em discurso segundo

[...] segundo os organizadores, haveria dois tipos de linguista de corpus: os da área de Ciências Humanas ('humanistic scholars') e os de Engenharia da Linguagem ('langage engineers'). (BERBER-SARDINHA, 2007).

2. Discurso direto

Encerro esta resenha com uma citação de Campos: "... a partir dos fragmentos que indicam um certo fechamento, abre a oportunidade para o trabalho criativo do leitor de DC (discurso científico) uma vez que DV (o divulgador) não diz tudo nem poderia fazê-lo". (PAIVA, 2006).

3. Discurso indireto

[...] o autor discute o problema de desenvolvimento de um padrão para processamento de dados textuais via computador [...]. (BERBER-SARDINHA, 2007).

4. Formas híbridas

a) Ilha textual

Lima-Lopes afirma que os livros analisados apresentam "uma seleção diversificada de textos representativos que circulam na sociedade (em relação à autoria e à adequação ao nível dos leitores)". (PAIVA, 2006).

b) Discurso direto com que

Chartier, mais otimista que Perini, afirma que "A universidade é ainda um lugar em que que 'aprende a ler' em domínios de especialidade e haverá sempre textos que um adulto é incapaz de ler porque são muito difíceis de serem compreendidos sem ajuda". (PAIVA, 2006).

5. Colocação de aspas

No caso de Estima, teríamos significados relacionados à “normalidade” (quão frequente algo é”, “capacidade” (quão capaz se é) e “tenacidade” (quão resoluto algo é), ao passo que os de Sanção Social estariam relacionados à “veracidade (se algo/alguém é confiável) [...]”. (LIMA-LOPES e VIAN Jr., 2007).

Nas resenhas de textos científicos, identificamos *discurso direto, indireto e formas híbridas* como estratégias para a inserção de outras vozes. Tais estratégias parecem estar ligadas à representação do contexto sócio-subjetivo do resenhador, que busca uma legitimação, verdade e autoridade no meio acadêmico. Além dessas estratégias, há o uso das aspas para, geralmente, destacar termos ou expressões específicos da área e termos em língua estrangeira, já que duas resenhas analisadas são de obras em língua inglesa. Além disso, as aspas são bastante empregadas para se referirem a títulos de capítulos da obra resenhada e a títulos de outras obras citadas.

Ao utilizar essas estratégias, o resenhador recorre não só ao autor resenhado, mas a vozes de outros pesquisadores como uma forma de legitimar o discurso científico, o que constitui uma estratégia argumentativa. Observamos, também, como é o esperado, a voz do resenhador fazendo comentários e avaliando a obra resenhada.

Percebemos, nos segmentos descritivos, a apresentação do conteúdo do texto resenhado, sendo utilizado, predominantemente, o discurso indireto. Ao usar essa estratégia, o resenhador atribui ao autor da obra resenhada diferentes ações como *discutir, apresentar, revelar*, sendo identificada a voz do autor resenhado. Ao utilizar esses verbos, o resenhador, na verdade, está interpretando as ações de linguagem do autor resenhado⁸.

⁸ Ver Muniz-Oliveira (2004, 2005).

Comparando as três resenhas, na resenha de Lima-Lopes e Vian Jr. (2007) e de Berber-Sardinha (2007) predomina o uso de discurso indireto com o emprego de verbos de dizer⁹ como *observar, iniciar, propor sugerir, revelar, anunciar* etc.

Em relação à resenha de Paiva (2006), o que se destaca são as formas híbridas, seja com a *ilha textual* seja com o *discurso direto com que*, o que pode revelar que a autora quer manter uma certa distância no enunciado, ao mesmo tempo em que escolhe utilizar um discurso de autoridade.

3.2 Marcas da voz do outro em resenhas literárias

Já nas resenhas de textos literários, observamos que o resenhador utiliza os seguintes procedimentos para relatar a voz do outro:

1. Discurso direto

O leitor ao acordar do sono – leve ou profundo – pensará ter sonhado o sonho de Alice, como a sua irmã de adaptação:

- Foi mesmo um sonho incrível, querida. Mas agora vá tomar o seu chá. Está ficando tarde. Alice levantou-se e saiu correndo pensando naquele sonho maravilhoso [...] (MACHADO, [s.d.]).

2. Discurso indireto

Paes começa dizendo que a narrativa de aventuras surge confundida com a própria ficção, enquanto ação de contar um fato ou incidente impressionante. (PAULINO, [s.d.]b).

3. Formas híbridas

a) Ilha textual

⁹ Sobre *verbos de dizer*, ou seja, verbos usados em discurso indireto e direto, ver Muniz-Oliveira (2004, 2005).

[...] Sebastião Uchoa Leite diz que os dois livros “mais de um século depois que foram publicados, são cada vez mais leitura para adultos”, numa afirmação que se relaciona à complexidade do texto integral. (MACHADO, [s.d.]).

b) Discurso direto com **que**

Na orelha do livro, afirma-se que “Sherlock Holmes, personagem de ficção, adquire existência real e passa uma temporada no Rio de Janeiro” (PAULINO, [s.d.]a)

4. *Colocação de aspas*

A adaptação da estória contada por Ruy Castro e desenhadas por Laurabeatriz (Companhia das Letrinhas) tem como proposta, explicitada no final do livro, “devolver” Alice às crianças. [...] (MACHADO, [s.d.]b).

Nessas resenhas literárias, observamos que os resenhadores utilizam, predominantemente, o discurso direto, atribuindo voz às personagens ou ao narrador da história. Não encontramos a modalização em discurso segundo e o discurso indireto ocorre apenas na resenha de Paulino [s.d.]b/. Ao descrever a obra a resenhada, o resenhador utiliza a sua própria voz para fazer comentários e avaliações.

Encontramos muito pouco uso de aspas - com exceção do uso no discurso direto e nas formas híbridas. Observamos que as aspas são utilizadas nas resenhas literárias para citar títulos de partes de obras e para indicar que a palavra empregada teria um outro sentido incluído.

Considerando que o texto literário pertence à ordem do narrar, que envolve um número considerável de personagens, tendo como elemento estruturador da história um narrador, a resenha de texto literário também traz consigo marcas desse texto, já que a responsabilidade enunciativa é, em algumas vezes, do personagem e do narrador. Uma forma de buscar a legitimação e a autoridade no meio literário é

recorrer à voz do narrador e de personagens da história, e, às vezes, de autores de textos literários. Ao utilizar o discurso indireto, parece haver uma tendência a uso de verbos de dizer considerados “mais neutros”, como o próprio verbo *dizer*.

4. Considerações finais

Este artigo mostra uma análise realizada em resenhas de textos científicos e em resenhas de textos literários no que se refere ao levantamento de características concernentes às marcas de inserção de vozes do outro no discurso. Esse tipo de levantamento se faz necessário para a elaboração de atividades didáticas de gêneros¹⁰, no caso específico deste artigo, de resenhas científicas e literárias.

Para o futuro, esta pesquisa pode ser ampliada, por nós mesmos ou por outros pesquisadores interessados no assunto, para que se possa chegar a uma caracterização mais detalhada do uso dessas marcas a partir de corpora diferentes e até mesmo em resenhas de outros tipos, como a jornalística, para subsidiar o trabalho do professor preocupado com o ensino de resenha e com o trabalho do autor de material didático.

RESENHAS CIENTÍFICAS ANALISADAS

BERBER-SARDINHA, T. *Resenha de*: SAMPON, G.; MCCARTHY, D. (Eds.) *Corpus linguistic – reading in a widening discipline*. Londres/ Nova York: Continuum, 2004. DELTA, 23: 1, 2007, p.127-37.

¹⁰ Ver Leite, C.F. (2007). Alguns passos para a elaboração de um material didático a partir de resenhas: uma análise inicial dos aspectos lingüísticos discursivos. Em: DAMIANOVIC, Maria Cristina (org.). Material didático: Elaboração e Avaliação.

LIMA-LOPES, R.; VIAN Jr., O. *Resenha de*: MARTIN, J. R.; WHITE, P.R.R. *The language of evaluation: appraisal in English*. London: Palgrave/Macmillan, 2005. DELTA, 23: 2, 2007, p. 371-81.

PAIVA, V.L.M.O. *Resenha de* MARI, H.; WALTY, I.V. *Ensaio sobre leitura*. Belo Horizonte: PUC-MG, 2005. DELTA, 22: 2, 2006, p. 403-7.

RESENHAS LITERÁRIAS ANALISADAS

PAULINO, G. [s.d.]a. A intertextualidade enlouqueceu. *Resenha de*: VEIGA, J. J. O relógio Belisário. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1995. Disponível em: <http://www.ufmg.br/online/arquivos/004934.shtm>. Acesso em 20 abr. 2007.

_____. [s.d.]b. Aventuras de sobrevivência. *Resenha de*: LONDON, J. *Caninos brancos*. São Paulo: Ática, 1995. Disponível em: <http://www.ufmg.br/online/arquivos/004934.shtm>. Acesso em 20 abr. 2007.

MACHADO, M.Z.V. [s.d.]a. Qual Alice? *Resenha de*: CASTRO, R. *Alice no País das Maravilhas*, São Paulo : Companhia das Letrinhas, 1992. Disponível em: <http://www.ufmg.br/online/arquivos/004934.shtm> Acesso em 20 abr. 2007.

_____. [s.d.]b. Da Grécia veio esta história. Atenção leitor: ela vai-te alegrar. *Resenha de*: AZEVEDO, R. *Lúcio Vira Bicho*. Disponível em: <http://www.ufmg.br/online/arquivos/004934.shtm> Acesso em 20 abr. 2007.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

AUTHIER-REVUZ, J. *Palavras incertas: as não-coincidências do dizer*. Campinas: Editora da Unicamp, 2001 (1982).

BAKHTIN, M. *Estética da criação verbal*. 3ª ed., Martins Fontes : São Paulo, 2000 (1979).

BRONCKART, J.-P. *Atividade de linguagem, textos e discursos: por um interacionismo sócio-discursivo*. (Trad. de Anna Rachel Machado e Péricles Cunha). São Paulo: Educ, 1999.

DOLZ, J.; SCHNEUWLY, B. Genres et progression en expression oral et écrite : éléments de réflexions à propos d'une expérience romande. *Enjeux*, 37/38, 49-75, 1996

____; PASQUIER, G.; BRONCKART, J.-P. L'acquisition des discours: émergence d'une compétence ou apprentissage de capacités langagières diverses? *Etudes de Linguistique Appliquée*, 89: 25-35, 1993.

GENETTE, G. *Palimpsestes*. Paris: Le Seuil, 1981.

MACHADO, A.R.; ABREU-TARDELLI, L.; LOUSADA, E. *Resenha*. São Paulo: Parábola, 2004.

MACHADO, A.R. A formação de professores como *locus* de construção de conhecimentos científicos. *Revista da Anpoll*, São Paulo, v. 17, p. 13-37, 2004.

MAINGUENEAU, D. *Novas tendências em análise do discurso*. 3.ed. Campinas: Pontes/Editora da Unicamp, 1997 (1987).

____. *Análise de textos de comunicação*. (Trad. de Cecília Perez de Souza-e-Silva e Décio Rocha). São Paulo: Cortez, 2001 (1998).

MATÊNCIO, M.L.M.. Atividades de (re)textualização em práticas acadêmicas: um estudo do resumo. *SCRIPTA*, Belo Horizonte, v. 6, n. 11, 2002, p.109-22,

MOTTA-ROTH, D. (Org.). *Princípios básicos: redação acadêmica. Laboratório de leitura e redação*. Santa Maria: Editora da Universidade Federal de Santa Maria, 2003.

MUNIZ-OLIVEIRA, S. Subsídios para a compreensão do gênero resenha. *Revista Letras*, UFPR – PR, n. 70, 2006, p. 267-81.

____. Os verbos de dizer em resenhas acadêmicas. *SIGNUM: Estudos da Linguagem*, UEL – PR, n. 8/1, 2005, p.103-29.

_____. Os verbos de dizer em resenhas acadêmicas e a interpretação do agir verbal. Dissertação de Mestrado em Linguística Aplicada e Estudos da Linguagem da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, 2004.

SILVA, J.Q.; MATA, M.A.da. Proposta tipológica: um estudo exploratório das práticas de ensino da leitura e da produção de textos acadêmicos. *SCRIPTA*, Belo Horizonte, v. 6, n. 11, 2002, p.123-32